

Os canalhas são bons!

Carlos Honorato, dezembro de 2016

Nas terras tupiniquins, os “casos” de política estão se transformando em “casos” de polícia. Isso ocorre em função da trágica roubalheira que foi institucionalizada no primeiro escalão do governo (executivo, legislativo e judiciário). O que prova essa lamentável verdade é que aqueles raros servidores que não fazem nada mais do que a sua obrigação, como o caso do juiz Moro, se transformam em ídolos nacionais e fontes de esperança para um futuro melhor. No outro extremo, os maestros da propinocracia mandam e desmandam, manobram como querem e usam as frágeis instituições tupiniquins para continuar surfando no poder. Recentemente, um deles, o nobre senador Renan (que também pode ser chamado de REIn!), protagonizou o que se conhece como “desobediência civil”. Em um país sério isso seria motivo para revolução, mas aqui, onde tudo é flexível e tudo é relativo, o máximo que vai acontecer é que o REInan vai ser homenageado com uma música de carnaval!

A crise, no início, era política, pois a tia Dilma teve sua legitimidade contestada; era econômica, pois a economia e os seus fundamentos começaram a deteriorar justamente na época em que o mundo voltava a crescer depois de 2008; e era social, pois os diferentes grupos e classes sociais começaram a ver e considerar os “outros” como inimigos. Tia Dilma alimentou muito essa crise social ao repetir uma quantidade quase infinita de vezes o: “nós e eles”! Acontece que, agora, a crise é de “polícia”, pois o roubo-oficial institucionalizou-se e os “nobres” eleitos, a incompetente tecnocracia de plantão e os empreiteiros amigos do poder formaram uma escória estercocrática jamais imaginada. O que sustenta essa crise de polícia, no entanto, é uma crise moral. Logo, não vai ser fácil se livrar dela!

A crise é moral, pois a roubalheira se tornou continuada e considerada normal. A crise é moral, pois o político se tornou sinônimo de bandido e isso não incomoda mais ninguém. A crise é moral, e, pior do que isto, ela está até se entranhando na cultura tupiniquim. Até agora, éramos conhecidos como “terra do futebol” e “terra do carnaval”, mas, agora, acrescentamos mais duas características culturais. São elas: a) “Terra do maior roubo-oficial do mundo”, que foi e que é o assalto da Petrobrás; b) “Terra dos corruptos-pop-stars” que se fantasiam de “nobres” ministros, senadores, deputados, diretores de empresas estatais, e demais autoridades oficiais. Estas duas novas características são intimamente relacionadas, pois se autorreforçam permanentemente e se legitimam com o voto do pobre povo pobre. O traço mais cruel dessas duas novas características é que depois de provada a roubalheira, o propinoduto e a estrutura cleptonática envolvendo os “nobres” políticos e os “nobres” empreiteiros de obras públicas o que acontece é o seguinte: são inocentados, total ou parcialmente, e são “reeleitos” para continuar “botando a mão no dinheiro público”.

É muito difícil entender essa lógica que regula a relação “sádico-masoquista” entre os que roubam e os que são roubados. Uma das alternativas é que os eleitores admiram a capacidade dos “nobres” representantes: “não é qualquer um que consegue 4 milhões com apenas 2 ou 3 telefonemas... esse sujeito é bom!” ou, pior ainda: “de funcionário de um zoológico a maior empresário brasileiro em menos do que 10 anos... esse sujeito é bom!” (ou melhor: o pai dele é bom!). Outra alternativa é que a propinocracia-oficial-escancarada cria uma “aura” meio mística e meio erótica que acaba enebriando o pobre povo pobre mal

informado. Outra alternativa é que esses canalhas são bons mesmo, ...e acho inclusive que vou votar neles e, quem sabe, vou pedir autógrafa quando encontra-los!